

Educação Positiva Antirracista

Sarah Carolina Toledo Valeriano da Silva e Liliane R Caniçali O
EEP Universidade Anhanguera - GT 6

Objetivo: Como a Educação Positiva, poderia ser aplicada em contextos racializados, para alinhar-se a uma pedagogia antirracista que assegure o desenvolvimento integral das crianças negras.

Justificativa: O racismo, enquanto estrutura que organiza as relações sociais no Brasil (MUNANGA, 2003), afeta a infância, influenciando na autoestima, no senso de pertencimento e na capacidade de aprendizagem. Práticas pedagógicas que não refletem sobre o racismo invisibilizam desigualdades e negligenciam necessidades específicas das crianças negras. O racismo escolar manifesta-se tanto em práticas abertas de discriminação quanto em mecanismos sutis de invisibilização. Carneiro (2003) alerta que a naturalização da inferiorização da população negra constitui um dos maiores obstáculos à aprendizagem e ao pleno desenvolvimento de suas potencialidades.

Metodologia: Essa pesquisa bibliográfica utilizou o alinhamento de diversos autores para possibilitar que a Educação Positiva seja aplicada às crianças negras, considerando o racismo como ponto importante de análise, em suas trajetórias escolares e sociais.

Segundo Nilma Lino Gomes (2005), a construção da identidade racial positiva, é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança negra. A Educação Positiva pode ser valiosa se o educador atuar como figura de apego seguro, a partir da escuta, da empatia e da validação das emoções, ser capaz de fortalecer as crianças e protegê-las de experiências discriminatórias, para que relações respeitadas sejam construídas. Pensar a Educação Positiva em diálogo com a realidade das crianças negras significa compreender que o cuidado, o vínculo e a proteção não podem ser neutros. Ser uma figura compreendida como “testemunha auxiliadora” (MILLER, 2006), é essencial para quebrar um ciclo de silenciamento e humilhação, ao acolher a criança negra em sua singularidade e validar suas experiências, possibilitando a construção de uma autoestima sólida. Hooks (2013) e Freire (1996) entendem que educar é um ato político e nesse caso, político e afetivo se entrelaçam. Uma pedagogia crítica e antirracista só é libertadora quando reconhece os corpos e vozes historicamente silenciados e promove não apenas o bem-estar emocional, mas também a formação cidadã e crítica. Proteger uma criança negra é criar um ambiente seguro e antirracista; é assumir a dimensão política do ato educativo, visando estabelecer vínculos seguros, promover a autoestima e garantir a representatividade. Para construir um espaço de dignidade, no qual a criança negra possa aprender sem que sua identidade seja negada, há de se considerar a rede de apoio como um aspecto importante na experiência escolar da criança negra, que não pode recair exclusivamente sobre a responsabilidade do professor, mas deve ser compartilhada entre todos os adultos da escola, da família e comunidade. Romper a tendência de naturalizar privilégios e silenciar desigualdades (“pacto narcísico da branquitude”, Cida Bento-2002) exige um trabalho institucional de formação, comprometimento e corresponsabilidade.

Para a Educação Positiva ampliar seu alcance, algumas práticas essenciais são requeridas ao educador, como observamos neste estudo, para tornar-se um meio, não apenas de apoio ao desenvolvimento individual, mas também de transformação social. À escola exige integrar tais elementos, enquanto espaço de socialização, na medida em que proteger as crianças negras dos efeitos do racismo seria promover sua plena humanidade, num ambiente que valorize a diversidade e equidade, garantindo que o processo de ensino-aprendizagem não reproduza exclusões históricas.

Palavras chave: Educação antirracista; Educação Positiva; Escola

Objective: Like Positive Education, it could be applied in racialized contexts, aligning with an anti-racist pedagogy that ensures the comprehensive development of Black children.

Justification: Racism, as a structure that organizes social relations in Brazil (MUNANGA, 2003), affects childhood, influencing self-esteem, the sense of belonging, and the ability to learn. Pedagogical practices that fail to reflect on racism make inequalities invisible and neglect the specific needs of Black children. School racism manifests itself both in overt practices of discrimination and in subtle mechanisms of invisibility. Carneiro (2003) warns that the naturalization of the inferiority of the Black population constitutes one of the greatest obstacles to learning and the full development of their potential.

Methodology: This bibliographic research combined the insights of several authors to enable the application of Positive Education to Black children, considering racism as an important point of analysis in their school and social trajectories.

According to Nilma Lino Gomes (2005), the construction of a positive racial identity is fundamental to the cognitive and emotional development of Black children. Positive Education can be valuable if the educator acts as a secure attachment figure, through listening, empathy, and validation of emotions, empowering children and protecting them from discriminatory experiences, so that respectful relationships can be built. Thinking about Positive Education in dialogue with the reality of Black children means understanding that care, connection, and protection cannot be neutral. Being a figure understood as a "helping witness" (MILLER, 2006) is essential to breaking a cycle of silencing and humiliation by embracing Black children in their uniqueness and validating their experiences, enabling the building of solid self-esteem. Hooks (2013) and Freire (1996) understand that education is a political act, and in this case, politics and affect are intertwined. A critical and anti-racist pedagogy is only liberating when it recognizes historically silenced bodies and voices and promotes not only emotional well-being but also civic and critical development. Protecting a Black child means creating a safe and anti-racist environment; it means embracing the political dimension of the educational act, aiming to establish secure bonds, promote self-esteem, and ensure representation. To build a space of dignity, where Black children can learn without their identity being denied, the support network must be considered an important aspect of the Black child's school experience. This cannot fall solely on the teacher's shoulders but must be shared among all adults in the school, family, and community. Breaking the tendency to naturalize privileges and silence inequalities ("the narcissistic pact of whiteness," Cida Bento, 2002) requires institutional work involving training, commitment, and shared responsibility.

For Positive Education to expand its reach, certain essential practices are required of educators, as observed in this study, to become a means not only of supporting individual development but also of social transformation. Schools must integrate these elements as spaces for socialization, as protecting Black children from the effects of racism would promote their full humanity in an environment that values diversity and equity, ensuring that the teaching-learning process does not reproduce historical exclusions.